

OS ELEMENTOS QUE APROXIMAM O FILME O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN DA ESTÉTICA DO VIDEOCLIFE

Andréia Regina Both

andreiaboth1@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7495471292908719>

Michele Kapp Trevisan

myxakapp@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9946907512193274>

RESUMO

Essa pesquisa, resultado de um recorte de um trabalho final de graduação, e tem como finalidade observar a maneira como as diversas linguagens audiovisuais estão se mesclando e interferindo na estética uma das outras. Com isso, o objetivo deste trabalho é identificar as características da estética videoclíptica presentes na produção cinematográfica *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* (2002). Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica onde serão abordados a estética do videoclipe e os apontamentos do autor Ken Dancyger (2003) sobre o estilo MTV presente nos filmes. Para a análise, foram criadas categorias com o propósito de comparar o filme com as características abordadas pelo autor.

Palavras-chave: Cinema; Videoclipe; Estilo MTV; O Fabuloso Destino de Amélie Poulain.

Introdução

A linguagem cinematográfica se caracteriza por ser uma fonte de referência para a criação de novos gêneros e formatos audiovisuais, tais como telenovelas, seriados, comerciais televisivos e videoclipes. Por meio disso, atualmente, assim como o cinema influencia esses formatos, é possível observar que há uma convergência entre as linguagens que, de certa forma, passam a influenciar na estética cinematográfica. Um exemplo é o caso do cinema e do videoclipe, onde o primeiro serviu de referência juntamente com a publicidade televisiva para o surgimento da estética videoclíptica. Como afirma Pedrosa (2006), o videoclipe é um produto cultural vindo do cinema, televisão e artes experimentais.

Além dessa troca nas produções, é possível observar que os diretores acabam migrando de um meio, gênero ou formato para outro e assim carregam consigo as suas referências de linguagem, a fim de proporcionar novas experiências audiovisuais, criando

uma coífluência dos meios artísticos. Dessa forma, Pontes (2003) aponta que, na década de 80, período que marca o início do formato videoclipe como conhecemos hoje, observa-se a realização de muitos videoclipes produzidos por cineastas, com os aparatos do cinema e muitas vezes com intenções narrativas, como por exemplo *Thriller* (1982) de Michael Jackson. Ela afirma ainda que, na década seguinte, acontece um movimento oposto, os diretores que começaram sua carreira produzindo videoclipes migraram para o cinema e produziram grandes filmes premiados. Como é o caso do americano David Fincher, que fez alguns clipes da cantora Madonna, o mexicano Alejandro Gonzales Iñárritu, o inglês Guy Ritchie e a brasileira Katia Lund.

Tal ideia é corroborada por Dancyger (2003) que aponta determinadas características peculiares da linguagem videoclíptica que se mostram presentes na narrativa e na estética de filmes como *Flashdance – Em ritmo de embalo* (1983 Adrian Lyne) e *Assassinos por Natureza* (1994 Oliver Stone). Assim, é possível considerar que existem produções fílmicas que se apropriam da forma do videoclipe para construir diferentes experiências audiovisuais.

O diretor Jean-Pierre Jeunet também se aventurou na produção de videoclipes intercalados com a cinematografia. Desse fato, o interessante é notar que o diretor se utiliza dessa amálgama na produção de seus filmes, tomando-se como exemplo o próprio filme objeto de estudo desta pesquisa. Essa apropriação estética se dá pelas referências que o diretor traz do videoclipe e vice-versa.

Assim, a presente pesquisa visa contribuir para a compreensão dessa união entre linguagens. A escolha da obra “*O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*” (2002) se deu pelo fato de, em um primeiro momento, notar-se que o filme não segue aquilo que temos como pré-estabelecido em termos de conceitos do cinema clássico. O objeto e o tema da pesquisa justificam-se pela sua atualidade e originalidade ao reunir duas linguagens. Após realizar uma busca prévia por pesquisas que abordassem os dois temas em um mesmo trabalho, pode-se notar a escassez de análises feitas sobre o tema. Geralmente encontram-se apenas trabalhos sobre a linguagem cinematográfica ou sobre a estética do videoclipe. Ao perceber essa falta de trabalhos acadêmicos na área voltados para o

assunto abordado nessa pesquisa, iniciou-se o estudo como uma forma de contribuição para a pesquisa da linguagem audiovisual.

As características estéticas da linguagem do videoclipe

Desde os anos 80, estamos diante de uma diferente forma de consumir a música através do videoclipe, utilizado pela indústria fonográfica como uma ferramenta de divulgação de bandas e artistas. Partindo da necessidade de um canal voltado para a exibição dessas produções audiovisuais e para suprir a ausência de programas televisivos para os jovens, criou-se a *MTV - Music Television*. O surgimento do canal também foi motivado pela demanda de consumo de um grande público de jovens que assistiam à televisão, mas não se identificavam com a programação exibida. (AUSTERLITZ, 2007, p.31).

Em sua composição, o videoclipe une apuradas técnicas vindas do cinema e da publicidade, criando um universo que visa à expressão do sentido da canção e da personalidade do artista. Traz consigo elementos cinematográficos como planos e enquadramentos presentes em sua estética. Trevisan (2011, p.9) afirma que o videoclipe “mostra-se como um amálgama de possibilidades audiovisuais, que mescla elementos das linguagens do cinema, TV e propaganda, além da música, é claro, aliados às possibilidades técnicas do vídeo e computação gráfica em plena expansão no momento”. Pedroso (2006, p.7) complementa que as técnicas de produção trazem consigo a referência dos padrões estéticos vindos dos vídeos publicitários como “corte rápido, mudanças frequentes de perspectiva, ângulos inusitados de câmera e todo o repertório de efeitos e técnicas dos filmes publicitários”.

Com o passar do tempo, o videoclipe acentua sua própria estética, que se diferencia das demais, criando diferentes padrões audiovisuais. Contudo, Trevisan (2011) afirma que os seus elementos não possuem nada de novo, mas é o rearranjo que traz uma nova forma de assimilação do ponto de vista estético. Dessa forma, constrói-se uma nova estética a partir da união da música, televisão e cinema.

O videoclipe, por sua vez, possui uma linguagem fluida, efêmera, mutante, que se renova constantemente e é oriunda de uma mistura dos elementos do cinema

experimental, da TV e dos filmes publicitários. Dessa maneira, o videoclipe “rompe com os objetivos clássicos da montagem, evita a narrativa linear e a concentração exclusiva em um único personagem mostrando o enfoque multilateral” (TAVEIRA, 2006, p.53).

Contudo, é possível afirmar que, apesar do rompimento com a linearidade e o enfraquecimento da trama, isso não exclui a possibilidade de contar uma história e que nela haja apenas um único personagem. Trevisan (2011) acrescenta que a diferença está nos “princípios fundadores, que são guiados pelo sentimento, emoção que se pode manifestar na forma de imagens, sejam elas fragmentadas, como sonhos, autorreflexivas ou de referências a outros meios de comunicação, onde se desencadeiam concentradas no ritmo da música”.

Nesse caso, segundo Soares (2006), o ritmo das imagens é caracterizado por uma desarmonia de elementos visuais e cortes rápidos. Para ele, é como se as diferentes imagens utilizadas em um ritmo rápido e de pouca duração dançassem ao ritmo da música e estivessem em sintonia com as batidas ouvidas. Nessa forma de contar visualmente uma história, o *jump-cut*, se torna tão importante quanto o corte em continuidade. Conforme Pedroso (2006, p.53), “o tempo e o espaço, em função disso, entram em colapso. O tempo real e o contexto são substituídos por grandes lapsos de tempo e de espaço”, o que, de certa forma, caracteriza o espectador, um jovem rebelde, irreverente e propício a aceitar essas inovações. A autora afirma ainda que os movimentos de câmera aliados a uma montagem ágil de planos com curta duração geram empolgação e intensidade nas cenas ou sequências de imagens.

Segundo Trevisan (2010 apud Felix, 2014, p. 31), “a montagem acelerada, a câmera lenta, a exibição do negativo, a sobreposição, a sobreimpressão, as trucagens visuais, o corte descontínuo, o ritmo frenético, a abstração visual, entre outros, fazem parte da linguagem vista nos videoclipes”. Conforme a autora, observa-se que estes elementos estão presentes tanto no cinema como na televisão e que, unidos com novas possibilidades tecnológicas, permitem o surgimento de novas formas de utilização das imagens em diversos formatos e gêneros.

Por fim, Dancyger (2003) considera o videoclipe uma diferente forma visual de contar história. Para ele, sua fórmula definida como parte narrativa, parte atmosfera, som

intenso e imagem rica serve como referência a uma nova geração de realizadores de filmes. Assim, o capítulo a seguir mostra, segundo o referido autor, o estilo MTV proposto pelos videoclipes e empregado no cinema.

O estilo *MTV* no cinema

O videoclipe caracteriza-se pelo formato audiovisual que combina e incorpora linguagens e relaciona diversas formas de expressão. Sendo assim, Trevisan (2011) contextualiza que é natural que muitas referências a sua estética remetam aos procedimentos utilizados no âmbito cinematográfico. Contudo, o movimento contrário também é observado. Desde a década de 90, é possível perceber características da linguagem de videoclipe em alguns filmes. Nesse sentido, Dancyger (2003) postula o estilo *MTV*.

[...] associado principalmente à televisão, embora sua influência tenha superado a televisão. Evitando os objetivos tradicionais da montagem, inclusive a narrativa linear e a concentração na trama e no personagem, o estilo *MTV* tem recolocado a questão com um enfoque multilateral. Pode haver uma história. Pode haver apenas um personagem. Mas a semelhança é que lugar, sentimento e tom serão os princípios da obra. É também como o tradicional sentido de tempo e lugar das convenções que são usadas como referência do tempo fílmico com o tempo real, que serão substituídas por uma correlação bem menos direta [...] (DANCYGER, 2003, p.191).

O esclarecimento de Dancyger (2003) demonstra de maneira mais técnica do que outros autores, as características constituintes dos videoclipes, a partir de comparações feitas em relação a procedimentos utilizados em filmes que, conforme o autor, seguem padrões de um estilo, o qual ele denomina de estilo *MTV*. Primeiramente, ressalta-se a importância do sentimento. De acordo com o escritor, um dos objetos centrais do estilo *MTV* é a ênfase dada à criação de um sentimento mais enfático, “não é uma necessidade de desafiar a primazia da trama. Mais do que isso, é uma relação próxima do estilo *MTV* com a música” (DANCYGER, 2003, p.195). A música/trilha potencializa a sensação, o sentimento, a emoção da personagem em detrimento da lógica do diálogo. Conforme Dancyger (2003), a música sintetiza o sentimento humano e a mente processa o som.

Sendo assim, o propósito da música é dar um estado emocional definido ao sentimento que é criado.

O sentimento pode ser aguçado e profundo ou pode ser crescente e onírico. Em ambos os casos, Dancyger (2003) afirma que o estado cria um sentimento desconectado para a narrativa. Devido à profundidade do sentimento, uma simples sequência associada a um trecho musical dificulta a criação de uma continuidade narrativa. É possível encontrar nos longas-metragens do estilo MTV sequências descontínuas, organizadas de forma crescente na ação, que podem valer por ela mesma, sem diminuir a totalidade do filme.

Outra característica desse estilo é conhecida como declínio da trama. De acordo com Dancyger (2003), acontece quando o personagem se destaca em relação à trama e acaba se tornando mais importante, criando assim a sua própria história. Nesse estilo, a lógica de progressão da trama é menos fundamental, mais importante são as ações, reações, expressões, emoções da personagem, ou seja, na verdade, a trama se dá a partir de como o personagem vê a história. Em uma narrativa fragmentada do estilo MTV, “o personagem é um herói em um mundo fragmentado, um herói que pode recitar poesia e matar ao mesmo momento, um herói que não pode sustentar uma resposta. (DANCYGER, 2003, p.196). Trevisan (2011) contextualiza que não é possível afirmar que “a trama seja totalmente desprezada, entretanto, pode-se dizer que menos trama facilita a entrada do público no mundo da MTV”.

Outra peculiaridade que compõe o estilo MTV é a montagem descontínua da trama, técnica que provoca a obliteração do tempo e do espaço. Para criar o sentimento de redução da trama e assim traçar a sua importância. Trevisan (2011) resumiu as indicações de Dancyger (2003) de como a filmagem e a montagem podem ser empregadas na hora de transmitir tal ideia, como:

[...] utilizar muitos *close-ups* em vez de planos abertos, o que retira o contexto que poderia dar credibilidade à sequência; enfatizar o primeiro plano sobre o fundo do quadro, utilizando lentes teleobjetivas ou posicionando o personagem na frente do enquadramento; tipos de iluminação como o *sépie* ou filtros de cores fortes e ainda, o *jump-cut* e o ritmo de cortes acelerado. Tudo isso auxilia para a sensação de obliteração de tempo e espaço [...] (TREVISAN, 2011, p.132).

Outra característica identificada no estilo MTV é o estado auto reflexivo do sonho que implica em criar um estado em que o espectador se perca, sugerindo outro nível. Segundo Dancyger (2003), o espectador é capaz de assistir ou refletir sobre os seus próprios sonhos e pode estar simultaneamente muito envolvido ou nada envolvido. Sendo assim, é possível observar que o público não encara o filme como uma realidade e essa liberdade “permite alterações de sentimentos, narrativa, fantasia, etc., sem a necessidade de fazer essas alterações plausíveis” (DANCYGER, 2003, p.198). Além de tudo, o público sabe que está diante de um acontecimento midiático e “acaba se tornando tolerante a alterações de tom, tempo, lugar, etc. que são realizados” (DANCYGER, 2003, p.198).

Por fim, a última característica mencionada pelo autor diz respeito ao recurso de que dispõe o meio de comunicação de olhar para si mesmo. Segundo Dancyger (2003), assim como o personagem se afasta e comenta sobre si mesmo no filme, o meio de comunicação também o faz. No estilo MTV há uma aceitação para a autorreflexividade de forma particular, tornando-se uma técnica manipuladora. Um videoclipe também pode incluir outras situações vindas das novelas, filmes, eventos jornalísticos.

É interessante, ao ressaltar os apontamentos do autor, levar em consideração a definição de *set piece*¹, que, conforme Dancyger (2003, p.201), pode ser compreendido como “um fragmento que tem autonomia estética, narrativa ou de sentido dentro da obra. Esse fragmento é, em si, uma sequência ou uma cena brilhantemente executada com autonomia de obra”. Empregado à obra como uma forma de causar a identificação entre o espectador e o personagem principal através do ritmo e da subjetividade. Ambos também são utilizados para intensificar o efeito *set pieces*. Segundo Dancyger (2003), o estilo MTV é compreendido por não estabelecer uma narrativa linear e, ao contrário disso, apresentar *set pieces*, que, inserem sentimento na trama.

É possível observar que a linguagem videoclíptica evita os objetivos mais tradicionais da montagem como narrativa linear e a concentração na trama e no

1 “Na linguagem de videoclipe, ritmo, subjetividade e *close-ups* são escolhidos para intensificar o efeito *set piece*, que pode ou não servir para o arco dramático da história. Os *set pieces* equivalem a vários curtas-metragens, unidos por um fio condutor fraco, o que implica em modificar o foco do personagem e da estrutura narrativa como um todo para o *set piece*, subvertendo a experiência linear e valorizando a cena sobre sequência, um ato ou o filme todo” (TREVISAN, 2011, p.134).

personagem. Segundo Trevisan (2011, p.134), “ainda que exista uma história ou apenas um personagem, o que impera é que lugar, sentimento e tom serão os princípios do videoclipe.” Assim, os sentidos de tempo e lugar são substituído por correlações menos diretas. Dessa forma, o estilo MTV, ou a estética videoclíptica, apresenta uma nova maneira de contar histórias visualmente e combina “elemento narrativo, atmosfera, som intenso e imagem opulenta, onde a experiência visual é superior à televisão ou ao filme” (TREVISAN, 2011, p. 135).

O objeto e caminho da pesquisa

O filme “O Fabuloso Destino de Amélie Poulain” (2001) foi dirigido pelo cineasta francês Jean-Pierre Jeunet, que, segundo Diener (2012), que teve sua trajetória marcada por produções como a direção de comerciais publicitários e videoclipes, mas destaca-se em suas obras cinematográficas pela predileção por criar filmes que abordam o cinema fantástico, onde a forma torna-se tão importante quanto o assunto tratado.

Nesse contexto, a presente pesquisa, de natureza qualitativa, iniciou-se através de uma revisão literária sobre o tema e as suas particularidades. Para a compreensão do estudo, foi escolhida a técnica de análise de conteúdo, que é marcada por abranger diferentes formas adaptáveis a um campo de aplicação vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977). Nesse sentido, Michel (2009) contextualiza que a análise de conteúdo se configura como uma técnica de levantamento de dados que se utiliza de textos, falas, informações já coletadas, de forma extensiva, ou seja, é uma análise feita *a posteriori* à coleta.

Segundo Moraes (1999), essa técnica apresenta como etapas essenciais a categorização, descrição e interpretação. Nessa abordagem, as categorias poderão emergir ao longo do estudo, a partir da delimitação de seus objetivos que também poderão ir se delineando à medida que a investigação avança.

Senso assim, para a aplicação do método, foram criadas categorias de análise com base nos apontamentos de Ken Dancyger (2003), autor do livro *Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo*, em que se encontra o *capítulo 11 – A influência da MTV na montagem I*. Neste, o autor assinala, através de seus apontamentos, características da estética do videoclipe presentes na produção cinematográfica. As categorias de análise foram criadas

para que estabeleçam uma relação com as características apontadas por Dancyger (2003) em sua obra. Sendo elas:

a) *Trama e Personagem*: busca-se observar e entender a maneira como foi conduzido o conteúdo da história, como os fatos, acontecimentos e ações são desenvolvidos pelos personagens apresentados na obra para observação da importância do enredo e da trama em relação ao todo, a fim de verificar se é possível encaixá-lo nas características do estilo MTV apontadas por Dancyger (2003), dentre as quais, a presença do denominado declínio da trama.

b) *Narrativa e Montagem*: pretende-se observar como narrativa e montagem se apresentam na trama, se em ordem cronológica ou não, ou seja, se de modo linear ou não-linear, verificando se existem e quais são os recursos utilizados que condizem com as ideias propostas por Dancyger (2003) que remetem à questão da obliteração do tempo, característica presente no estilo MTV.

c) *Estética (Direção de Arte e Fotografia)*: busca-se analisar se há referências vindas de outros meios de expressão artística ou formatos de comunicação, bem como se e, em que momentos, o filme transparece em estado onírico, lembrando que se está diante de uma ficção midiática, condizente com a ideia de autorreflexão proposta por Dancyger (2003) ao se referir como uma das características do estilo MTV.

Trama e Personagem

Na categoria trama e personagem, percebeu-se, através da observação dos personagens e de suas características psicológicas, que os seus sentimentos acabam se sobressaindo em relação à trama que está sendo apresentada. Além disso, cada um deles possui a sua própria história que se interliga em função da personagem principal que resolve ajudar a todos. Dessa forma, acredita-se que são os sentimentos das personagens que dão sentido à trama, envolvendo o espectador em suas vivências e motivações, desenvolvendo assim o enredo, ao invés de serem simplesmente porta-vozes de uma história que se pretende contar.

Sendo assim, a trama se dá pela importância do sentimento da personagem Amélie Poulain e, como forma de potencializar e evidenciar esse sentimento, recorre-se ao

auxílio da trilha sonora em determinadas cenas; uma narrativa que foge da linearidade ao retomar fatos do passado para explicar o comportamento da personagem no presente; a criação de um estado onírico em que vive a personagem principal e, a partir desse estado, a maneira como é visto o seu comportamento, fatores que possibilitam observar o declínio da trama como uma forma de potencializar o sentimento, conforme proposto nos apontamentos de Dancyger (2003).

Narrativa e Montagem

Na categoria narrativa e montagem, foram encontrados recursos que condizem com os apontamentos de Dancyger (2003), pois evidenciam a criação de uma obliteração do tempo e espaço no filme, com a finalidade de potencializar o sentimento dos personagens e diminuir a trama e sua importância, tal qual proposto pelo autor. Esse processo se dá pela inserção de: planos como *close-ups* que aproximavam o personagem do espectador a fim de criar um sentimento e, por vezes, retiram-no do contexto de tempo e espaço; tipos de iluminação como o *sépie* e filtro em cores fortes notadas na edição do filme, que remetem a memórias ou sensações em relação à realidade factual; *jump cut*, ritmo de cortes acelerados e *set pieces*, que provocam saltos na cronologia da trama, ilustrando a maneira como a personagem vivencia situações. Todos esses efeitos citados foram descritos por Dancyger no estilo MTV e são apresentados no filme com a mesma finalidade que ele propôs, para diminuir o tempo da trama e evidenciar o sentimento do filme.

Estética

E, por último, a categoria estética, analisado por meio da direção de arte e fotografia em que foi possível analisar que, além de planos e enquadramentos, a composição da cena influencia a criação do sentimento da personagem. Dessa forma, ao observar a composição da direção de arte do filme, sobressai a paleta de cores com predominância do vermelho e do verde, cores que aparecem em vários planos de forma saturada, mostrando o surrealismo presente em algumas cenas e caracterizando o estado onírico que a personagem criou. Além disso, Dancyger (2003) comenta em seus

apontamentos sobre o estado autorreflexivo, que faz com que o espectador se dê conta de que o filme é um evento midiático, não tendo a obrigação de representar a ficção como uma realidade paralela. Isso é expresso nos momentos em que a personagem olha para a câmera e interage com o espectador. Outra forma de caracterizar essa categoria é quando há a influência de outros meios artísticos, como é possível observar no momento em que Amélie vê sua vida refletida na TV e também com as referências apresentadas sobre outras obras artísticas, como, por exemplo, as obras de Renoir que são citadas no filme. Além disso, existe a presença da referência declarada do pintor brasileiro Juarez Machado em toda a obra fílmica, conforme visto no documentário sobre o *making off* do filme realizado por Brandon Lott, em entrevistas do diretor de arte Bruno Delbonnel e do próprio diretor do filme, bem como em outras fontes, como artigos.

Considerações finais

No campo audiovisual, muitas são as contribuições e influências do cinema para a criação de outras estéticas. Atualmente é possível observar que há uma convergência entre as linguagens, onde uma acaba influenciando a outra para a criação de novas estéticas nas produções. Há, por essa razão, uma amálgama muito grande nas apropriações de recursos audiovisuais, entre eles do cinema e do videoclipe. Tal noção foi impulsionadora da presente pesquisa, bem como, foi corroborada pelos resultados observados. Diante disso, constatou-se que o filme apresentou todas as características propostas por Ken Dancyger (2003). Sendo assim, possível identificar a estética videoclíptica presente no filme *“O Fabuloso Destino de Amélie Poulain”* (2002) do diretor Jean-Pierre Jeunet.

Quanto à pesquisa, ressalta-se sua importância para o campo audiovisual, pois trata da mistura de estilos em uma cultura que está cada vez mais híbrida. Mistura essa que não se vê apenas na estética, mas como objetivos das obras audiovisuais, como uma mescla entre entretenimento de massa, arte, comercial, informativas, etc. Além disso, é sempre importante manter atualizado o estudo sobre as inovações na linguagem cinematográfica, pois isso torna possível novas experimentações, proporcionando o surgimento de novas estéticas e linguagens, como, por exemplo, o videoclipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo. Edições 70**: Lisboa, 1977.

BERGAN, Ronald. **Ismos para entender o cinema**. São Paulo: Globo, 2011.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FELIX, Gabriel. **A estética videoclíptica na música eletrônica *mainstream***. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2014.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2009.

MICHEL, Maria, Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

PEDROSO, Maria, Goretti; MARTINS, Rosana (Org.) **Admirável mundo MTV**. São Paulo: Saraiva, 2006.

SOARES, Thiago. **Videoclipe, o elogio da desarmonia**: hibridismo, transtemporalidade e neobarroco em espaços de negociação. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

TREVISAN, M. K. **A era MTV, análise da estética de videocliques (1984-2009)**. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Andréia Regina Both é pós graduanda em Marketing pela Universidade Estácio de Sá, possui graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pelo Centro Universitário Franciscano (2015).

Michele Kapp Trevisan é doutora em Comunicação pelo Programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS (2011), possui mestrado em Comunicação pela mesma instituição (2005), graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2002) e graduação em Sistemas de Informação pelo Centro Universitario Franciscano (1999).